

## Acervos para História da Educação: nota de apresentação

Miguel Ângelo Silva da Costa\*

Diversos estudos, sob distintos ângulos, têm colocado em evidência a renovação vivenciada pela historiografia brasileira da educação. Nesse contexto, há que se destacar as análises dedicadas à interpretação do próprio sentido que a produção historiográfica brasileira assumiu, notadamente, durante a segunda metade da década de 1990 e o primeiro decênio do século XXI. Nesse interregno, as interpretações historiográficas trataram tanto da crise vivida pelos ditos “velhos” paradigmas epistemológicos, particularmente as concepções marxista e positivista da História, como da ascensão dos denominados “novos” referenciais teórico-metodológicos e fontes documentais utilizadas na produção do conhecimento histórico<sup>1</sup>. Já no início dos anos 2000, Diana Gonçalves Vidal e Luciano Faria Filho (2003, p. 60), em densa incursão pela historiografia educacional brasileira, concluíram que, para os historiadores da educação, “isto tem significado uma forma de marcar o seu pertencimento à comunidade dos historiadores, e uma maneira de reafirmar a identificação de suas pesquisas com procedimentos próprios ao fazer historiográfico”.

Embora não restem dúvidas quanto à renovação dessa atmosfera epistemológica, é possível considerar que o processo de intensas revisões e/ou reorientações da historiografia dedicada à educação no país também foi beneficiado pela institucionalização cada vez maior dos grupos de pesquisa e da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Não obstante, também é importante mencionar o protagonismo da Sociedade Brasileira de História da Educação nesse processo.

Reconhecendo esse novo cenário e sua importância no campo das Ciências Humanas, a Revista Cadernos do CEOM, organizada e coordenada pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, traz, nesta edição, o Dossiê “Acervos para História da Educação”. Com isso, oferece à comunidade acadêmica artigos que, em conjunto, exploraram a potencialidade de distintas fontes na produção do conhecimento em História da Educação.

Em “Ensino e Memória: os museus em espaço escolar”, Nara Beatriz Witt e Zita Rosane Possamai, a

\* Doutor em História (Unisinos). Professor permanente do PPGE-Unochapecó. Email: miguel.costa@unochapeco.edu.br.

partir do mapeamento de museus e memoriais existentes em escolas e acervos históricos escolares em guarda na cidade de Porto Alegre (RS), não apenas colocam em evidência um significativo repertório de fontes de pesquisa como também a importância dessas fontes para a preservação da memória e do patrimônio educativo na capital gaúcha.

Dedicada à análise das representações sociais da criança e da infância em Chapecó (SC), na década de 1970, Aline Fatima Lazarotto concentra-se nos jornais da época. Ancorada nessas fontes produzidas pela imprensa, a autora faz emergir o complexo jogo de produção e (re) produção social de imagens acerca da criança e da infância na sociedade local.

Com lentes também direcionadas às crianças, Daniele Hungaro da Silva dedica-se a investigar práticas pedagógicas e fontes documentais cujo sentido teria sido docilizar os sentidos da criança nas instituições escolares catarinenses, no período do regime político de Vargas, especialmente no Estado Novo (1937-1945).

Concentrado em mapas de matrículas e de frequência escolar, o artigo de Ricardo Costa de Sousa dá visibilidade à presença de populares na escolarização elementar maranhenses, na primeira metade do século XIX. Refutando interpretações historiográficas tradicionais, o autor traz à tona a presença de negros nas aulas de primeiras letras no município de Alcântara, província do Maranhão.

Os artigos de Ivan Fortunato e Raffaella de Menezes Lupetina, assim como o já mencionado trabalho de Nara Witt e Zita Possamai, colocam em tela acervos cujas fontes oferecem distintas e importantes possibilidades de investigação em História da Educação. Enquanto Ivan Fortunato explora o “Pateo do Collegio” com um acervo material (e simbólico) para compreensão da história da educação paulista, Raffaella de Menezes Lupetina contempla o acervo do Instituto de Educação do Rio de Janeiro sem perder de vista a relevância desse patrimônio documental educacional.

A partir do Banco de Dados Mundial Sobre Fortificações, ação desenvolvida pelo Projeto Fortalezas Multimídia, programa de extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, o artigo de Pedro Mülbersted Pereira e Elison Antonio Paim coloca em evidência as

possibilidades de educação patrimonial com base em um acervo digital.

A partir da análise de quadros de formatura do Colégio Coração de Jesus produzidos na década de 1920, em Florianópolis, Nelson Maurilio Coelho Junior e Maria Teresa Santos Cunha procuram compreender historicamente as acepções da educação presentes nessas fontes, assim como o processo de produção delas como um dispositivo de construção de sentidos para a educação do período e sua constituição como parte da cultura material das escolas.

Em seu artigo, Douglas Orestes Franzen e Leandro Mayer acionam os registros paroquiais como fontes para a História da Educação. Concentrados no acervo da Paróquia São Pedro Canísio de Itapiranga (SC), os autores revelam facetas de processos educacionais dedicados a veicular padrões morais e sociais próprios à comunidade analisada. Salientam, nesse sentido, o catolicismo e a germanidade como princípios fundamentadores desses processos.

O artigo de Maria Antonia Veiga Adriaio, ao concentrar-se em relatos de agricultores migrantes, moradores da cidade de Sobral (CE), coloca em tela experiências sociais construídas em espaços de sociabilidade escolar, assim como de qualificação para o trabalho no período de 1950-1980. Dessas memórias, a autora faz emergir indícios das políticas educativas e desenvolvimentistas implantadas na Região do Sertão Norte do Estado do Ceará durante o período analisado.

Por fim, com este dossiê, os editores da Revista Cadernos do CEOM, periódico, conforme já mencionado, organizado e coordenado pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, oferecem aos seus leitores um conjunto de artigos que ao contemplarem acervos e fontes para História da Educação também instigam novas possibilidades historiográficas.

## Referências

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola Nova e o impresso: um estudo sobre as estratégias editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil. In: FARIA, Luciano Mendes (Org.). **Modos de ler, formas de escrever**: estudos da história da leitura e da escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p. 65-86.

COSTA, Celio Juvenal. *et al.* (Org.). **Fontes e métodos em história da educação**. Dourados: UFGD, 2010.

GONDRA, José Gonçalves. (Org.). **Pesquisa em história da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e (Orgs.). **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Educação no Brasil: uma Constituição Histórica do Campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**. v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003.

XAVIER, Libania; CARVALHO, Fábio Garcez de. Pesquisa educacional, história da educação e historiografia: diálogo em curso, Intercâmbios possíveis. **Cadernos de História da Educação**, v. 12, n. 1, p. 231-251, 2013.

## Nota

1 Acerca do processo de renovação do campo disciplinar da História da Educação no Brasil, ver, entre outros: Carvalho (1998); Gondra (2005); Xavier e Carvalho (2013); Veiga e Fonseca (2008); Costa et al. (2010).